

TEOLOGIAS BÍBLICA E PASTORAL E O INFLUXO NA VIDA ECLESIAL

Biblical and Pastoral Theology and the influx in Ecclesial Life

Waldecir Gonzaga¹

Joaquim Francisco Batista Resende²

Resumo

Este artigo analisa a contribuição da Exegese e da Teologia Bíblica para auxiliar a transmissão das Sagradas Escrituras nos serviços pastorais. Analisa-se também se o relacionamento entre teólogos biblistas e pastoralistas evoluiu e tem contribuído para o amadurecimento da fé de comunidades marcadamente devocionais. O método utilizado é o bibliográfico, partindo-se do processo histórico-evolutivo até uma leitura do cenário atual. É preciso e possível continuar realizando esforços a fim de se aproximar as visões de biblistas, exegetas e pastoralistas de forma a propiciar um caminhar juntos, em vista do bem do Povo de Deus, inclusive de forma ecumênica e dialogal.

Palavras-Chave: Teologia Bíblica. Teologia Pastoral. Interpretação da Palavra. Tradução.

Abstract

This paper analyzes what is the contribution of exegesis and the biblical theology to the transmission of the Sacred Scriptures in pastoral services. It is also analyzed whether the relationship between biblical theologians and pastoralists has evolved and has contributed to the maturation of the faith of markedly devotional communities. The method used is the bibliographic, starting from the historical-evolutionary process until a reading of the current scenario. It is necessary and possible to continue making efforts in order to bring together the views of biblists, exegetes and pastoralists in order to provide a walk together, in view of the good of the People of God, including in an ecumenical and dialogical way.

Keywords: Biblical Theology. Pastoral Theology. Interpretation of the Word. Translation.

¹ Doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma. Pós-doutorado pela FAJE, BH, Brasil. Diretor e Professor de Teologia Bíblica do Departamento de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil (PUC-Rio). Criador e líder do Grupo de Pesquisa de Análise Retórica Bíblica Semítica, constante no Diretório do CNPq. E-mail: <waldecir@hotmail.com>. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9171678019364477> e ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-5929-382X>

² Doutorando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2020). Mestre em Teologia pela PUCPR. E-mail <jofranresende@gmail.com>. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0510529918558349> e ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-9910-3485>

Introdução

Muito intensas são as palavras, os termos e as expressões religiosas características ou específicas do povo de Deus, por mais simples que sejam as pessoas. Aliás, as expressões populares são capazes de traduzir o jeito de ser e falar de um povo que, muitas vezes, chega a dizer: “porque aqui é assim” ou “aprendemos a fé dessa forma”. Para entender algumas expressões, termos ou palavras, o sentir da gente mais simples, exige-se um esforço semelhante aquele que observamos quando estrangeiros são postos diante de expressões de fé brasileiras, como a corda do Círio de Nazaré ou as Romarias para o Santuário nacional de Aparecida, como para outros grandes santuários do mundo.

Para entender um pouco da história religiosa do povo brasileiro, faz-se necessário voltar aos tempos da expansão territorial perpetrada pelos portugueses, apresentar e compreender os reflexos da composição étnica, tradições e costumes que vêm sendo perpetuados pelos habitantes das terras de Santa Cruz. A colonização e povoamento do interior brasileiro deram-se como conseqüências das conquistas na América espanhola. A vida de muitas comunidades é marcada pelo catolicismo romano. As cidades nasceram e cresceram em torno da Matriz e a sua vida cultural mantém as inflexões do cristianismo do medievo, com uma vida social assinalada pelos novenários e atos devocionais, resultando em súplicas, benditos e atos rituais cúlticos, com prevalência notadamente mariana.

Falar de Teologia Bíblica³, da evolução do pensamento crítico, tradutor de um amadurecimento da fé, em um ambiente profundamente devocional exige sutileza, cuidado, bom senso sobretudo, exige tirar as sandálias dos pés para pisar neste solo santo (Ex 3,5; Js 5,15; Ecl 5,1; citado em At 7,32-34). John

³ O séc. XX conheceu a publicação de grandes obras serem em Teologia Bíblica e em Teologia Sistemática. Gostaríamos de indicar apenas algumas, entre as mais célebres, que trazemos em nossas referências bibliográficas: VON RAD, G., *Teologia do Antigo Testamento*; EICHRODT, W., *Teologia do Antigo Testamento*; BULTMANN, R., *Teologia do Novo Testamento*; KUMMEL, W.G., *Síntese Teológica do Novo Testamento*; e igualmente grandes obras de Dogmática e de Sistemática, a exemplo de: SCHNEIDER, T. (org), *Manual de Dogmática*; TILLICH, P., *Teologia Sistemática*; PANNENBERG, W., *Teologia Sistemática*.

Konings, em seu artigo “Tradução e traduções da bíblia no Brasil”⁴, lucidamente – como é normal em seus textos –, descreve o caminho da comunicação, desde a palavra gerada, com seu significante, até o destinatário dessa mesma palavra. Nesse percurso, tradução, traições, desvios ou boa intenção?

Ao falar sobre o processo, Konings aponta a necessidade de se conhecer bem, ter o *sensus linguae*, tanto do idioma da origem como do idioma de destino, para que se atinja o objetivo, pois a tradução é uma arte e um processo que precisam ser gestados com carinho e zelo, por respeito ao texto sagrado e aos leitores/ouvintes. É preciso considerar, ainda, outros elementos que interfiram na efetividade do processo dialógico. Conhecer o pré-texto, que dentro de um contexto específico e próprio, originário de uma história bem real e com vocabulário restrito, fecunda o escrito final. Este está em pleno contato com realidades não compreensíveis hoje ou que se transformaram ao longo da história, mas que para o ato linguístico perfeito faz-se imperativo ter em conta a sincronia entre o significante e a realidade significada. Não se pode descurar, entretanto, que cada significante evoca o seu contrário.

Portanto, diante desses cenários, este artigo, sem o intuito de completude diante da amplitude do tema, busca verificar qual é a contribuição da Teologia Bíblica para auxiliar a Tradição e sua relação com a Escritura⁵, isto é, a transmissão da Palavra de Deus entre as mais diversas paisagens de um país como o Brasil, que conserva em seu seio comunidades com as mais variadas características e grandezas, desde as mais urbanas até as mais rurais. Diante disso é que se pergunta se o relacionamento entre teólogos biblistas e pastoralistas evoluiu e tem contribuído para o amadurecimento da fé de comunidades caracteristicamente devocionais? O caminho utilizado aqui é o bibliográfico, partindo-se do processo histórico-evolutivo até uma leitura do cenário atual.

⁴ KONINGS, J., *Tradução e traduções da bíblia no Brasil*, p. 215-238.

⁵ RAHNER, K., *Teologia e Bíblia*, p. 57.

Percurso histórico-evolutivo das Teologias Bíblica e Pastoral

A Teologia Bíblica, como ciência teológica e bíblica ao mesmo tempo, trata-se de uma teologia que parte dos dados das Escrituras Sagradas para construir o seu *corpus teologicus*, organizando os dados a partir da lógica interna do pensamento bíblico⁶. Este conceito tem como premissa o marco histórico da Teologia Bíblica, a Aula Magna inaugural de Johann Philipp Gabler⁷, na Universidade de Aldorf, em 30/03/1787, que estabeleceu, pela primeira vez, os princípios básicos e o método da Teologia Bíblica.

Ao apresentar o modelo como o padrão a ser seguido, Gabler ofereceu a mais decisiva contribuição ao desenvolvimento da disciplina, considerando que até então não havia distinção entre a Teologia Bíblica e a Dogmática. Propôs uma justa distinção e como deveriam ser definidas as finalidades de cada uma delas. Evidenciou o caráter histórico da Teologia Bíblica, que transmite o que os escritores sagrados pensavam das questões divinas. Quanto à Dogmática, Gabler esclareceu o seu caráter didático. Ela traduz o que determinado teólogo pensa sobre as questões divinas influenciado pela sua capacidade de pensar, época, idade, lugar, doutrina ou escola filosófica, dentre outras circunstâncias.

Childs defende que “formular uma teologia moderna compatível para a Bíblia”⁸ é o labor teológico a ser perseguido e Kraus diz que “o esclarecimento histórico e sistemático”⁹ dos conteúdos coloca em evidência “o rigor e a autenticidade normativa de todo o texto bíblico”¹⁰, sendo esse o passo essencial para que sejam compreendidos os numerosos acenos pastorais e os

⁶ RAHNER, K., *Teologia e Bíblia*, p. 11.

⁷ GABLER, J. B., Distinction between Biblical and Dogmatic Theology: Translation, Commentary, and Discussion of His Originality, *Scottish Journal of Theology* 33, 1980, p 133-144. Título original da aula: “*Oratio de iusto discrimine Theologiae biblicae et dogmaticae, regundisque recte utriusque finibus / discurso sobre a correta distinção da teologia bíblica e da teologia dogmática, e como se devem definir as finalidades de ambas*”.

⁸ CHILDS, B.S., *Teologia Bíblica, Antico e Nuovo Testamento*, p. 17.

⁹ KRAUS, H.J., *La Teologia Bíblica, Storia e Problematica*, p. 17

¹⁰ KRAUS, H.J., *La Teologia Bíblica, Storia e Problematica*, p. 18.

pressupostos científicos da Sistemática. Von Rad defende que “a história de fé e do culto do velho Israel”¹¹ tem um peso especialíssimo na formação bíblica e na forma de oração do povo israelita, “porque sua história é história de sua oração” e porque “fazendo anamnese de sua história, sua história se torna memória em sua oração”¹². O comportamento cultural, a forma de pensar, orar e falar se tornam o alicerce da construção da Teologia Bíblica no mundo teológico-bíblico, ou seja, ela é capaz de constituir “o patrimônio linguístico da Bíblia”¹³, ressaltando sua beleza e sua riqueza, como patrimônio de fé de todo um povo, que crê e vive sua adesão em seu Deus, tanto judeus como cristãos¹⁴. Essa, por exemplo, foi a proposta da obra *Mysterium Salutis*, traduzida para muitos idiomas, numa tentativa de recolher os conceitos bíblicos fundamentais, explicando-os à luz da Revelação, sob a moção do mesmo e único Espírito, “do qual deriva em sua totalidade e em sua particularidade”¹⁵, conforme nos afirma Haag, para que seja devidamente compreendida a existência humana, corretamente interpretada a Revelação e percebido o sagrado na linha do pensamento exarado por igualmente Gunneweg: “a Teologia deve estar ancorada e sustentada pela Palavra de Deus contida na Sagrada Escritura”¹⁶. Além disso, as Escrituras estão preñes de exemplos de união entre a liturgia e a vida, como é o caso da capacidade de unir liturgia e profetismo no culto¹⁷.

A prática pastoral sempre existiu na Igreja. Porém, a reflexão teológica, disciplina autônoma nas faculdades, sobre o conjunto dessas atividades, sua natureza e finalidade, isso surge mais tarde. Conforme Szentmártoni, o marco histórico, o “nascimento” da teologia da pastoral, é considerado o ano de 1777, período da reforma do ensino universitário introduzido pela imperatriz Maria Tereza, quando a disciplina era entendida como o ensino da profissão aos

¹¹ VON RAD, G., *Teologia do Antigo Testamento*, p. 14.

¹² CANALS., *A oração na Bíblia*, p. 268-269.

¹³ HAAG, H., *Teologia Bíblica*, p. 211.

¹⁴ GONZAGA. W., *A Bíblia: Escritura Sagrada para judeus e cristãos*, p. 5-20;

¹⁵ HAAG, H. *Teologia Bíblica*, p. 204.

¹⁶ GUNNEWEG, A. H. J., *Teologia Bíblica do Antigo Testamento*, p. 13.

¹⁷ GONZAGA. W., *Ap 19,1-8: Profetismo na Liturgia*, p. 566-585,

pastores¹⁸. Brighenti, discorrendo sobre o itinerário desta Teologia, afirma que foi longo e difícil o caminho até aqui, tendo se consolidado nos dois últimos séculos. Atrela o desenvolvimento da Teologia Pastoral a evolução mesma da Teologia como um todo, uma vez que dependia da emancipação da razão prática. Ao discorrer sobre os momentos evolutivos (Teologia Sapiencial, Científica e Moderna), ele aponta gênese e gestação da pastoral no seio da Teologia Moderna, envolvida pelos desafios impostos pelo humanismo (Erasmus e Galileu Galilei), pela Renascença (Giordano Bruno, Thomas Morus, Maquiavel), revolução científica (Francis Bacon), pelo racionalismo (Descartes, Spinoza, Leibniz, Kant), empirismo (Hobbes, Berkeley, Hume) e Iluminismo (Rousseau, Voltaire, Diderot)¹⁹, quando há uma mudança da razão individual e subjetiva em relação à razão coletiva, do antropocentrismo diante do teocentrismo, seguidas do segundo movimento em torno da emancipação da razão prática em relação aos sujeitos sociais. Reunidas as condições culturais e eclesiais necessárias, a teologia pastoral se consolida²⁰.

No percurso histórico, em sua primeira configuração, a pastoral apareceu como apêndice da teologia moral, depois do direito canônico e da teologia Dogmática. Com Graff (1811-1867), a pastoral será deslocada da Dogmática para a eclesiologia, vista sob a perspectiva do próprio ser da Igreja. Para ele há uma unidade entre a ação pastoral, o lado visível, com o mistério do ser da Igreja, o lado invisível. Segundo Szentmártoni, o impulso determinante é fruto do pensamento de Rahner, o qual defende “que a realidade mundana incide essencialmente na construção da ação eclesial e cristã”²¹. Como consequência nasce uma teologia prática crítica, em que a Igreja deve reagir adequadamente aos desafios do mundo contemporâneo. Szentmártoni afirma que o debate sobre a natureza da Teologia Pastoral ainda não foi concluído, visto que o conteúdo e os temas variam conforme os autores e o objeto pode ser elencado

¹⁸ SZENTMÁRTONI, M., *Introdução à teologia pastoral*, p. 13.

¹⁹ Esta análise pode ser encontrada no texto BRIGHENTI, A., *A pastoral dá o que pensar*, p. 47.

²⁰ BRIGHENTI, A., *A pastoral dá o que pensar*, p. 43-60.

²¹ SZENTMÁRTONI, M., *Introdução à teologia pastoral*, p. 15.

como a vida e a ação da Igreja. Em uma tentativa de síntese, pela própria evangelização, de modo abrangente, se vai compreendendo a realidade qualificada como pastoral²², que envolve Escritura e Dogmática, mas ela, por si só, não resolve tudo.

Assumimos, neste artigo, a compreensão ora apresentada e, portanto, procuraremos desenvolver uma análise para entender de que forma a atuação dos teólogos pode auxiliar e facilitar o processo da transmissão da Palavra de Deus, pois “é a própria Escritura, intimamente assimilada, que sugere os conteúdos a anunciar para levar à conversão dos corações”²³.

Interpretação da Palavra de Deus

Antes da importância das Sagradas Escrituras para a Teologia ser consignada na Constituição *Dei Verbum*²⁴, do Concílio Vaticano II, já estava presente no seio da Igreja a inquietação quanto à correta interpretação e o perfeito entendimento do texto sagrado. Embora o Concílio assuma o antigo axioma “a Sagrada Escritura, a Alma da Sagrada Teologia”²⁵, as Encíclicas dos papas Leão XIII (*Providentissimus Deus*, de 18/11/1893)²⁶, Bento XV (*Spiritus Paraclitus*, 15/09/1920)²⁷ e Pio XII (*Divinus Afflante Spiritu*, 30/09/43)²⁸ demonstram que a Igreja já assinalava, lia os sinais do tempo e apontava caminhos. Compõem o Fio de Ariadne²⁹ nesta questão e tecem a progressiva e constante atenção do Magistério da Igreja, bem como apresentam orientações e estímulos para que o estudo das Escrituras Sagradas seja o alicerce fontal da formação eclesial, num período em que os estudos ainda estavam restritos aos postulantes da função presbiteral. Fato que somente mais adiante seria

²² SZENTMÁRTONI, M., *Introdução à teologia pastoral*, p. 17.

²³ BENTO XVI, *Os Padres da Igreja*, p. 135.

²⁴ *Dei Verbum*, n. 24.

²⁵ GONZAGA, W., *A Sagrada Escritura, a Alma da Sagrada Teologia*, p. 201-235.

²⁶ *Providentissimus Deus*, n. 32.

²⁷ *Spiritus Paraclitus*, n. 26.

²⁸ *Divinus Afflante Spiritu*, n. 27.

²⁹ Remonta à lenda de Ariadne, como termo que permite resolver um problema usando de diversas maneiras óbvias, a exemplo de um labirinto físico, um quebra-cabeça de lógica ou um dilema ético.

modificado com a concessão do acesso ao estudo bíblico a toda comunidade, pelo menos com possibilidade. Aliás, hoje o problema não é mais o acesso ao texto sagrado e à possibilidade de seu estudo, mas sim o uso fundamentalista que muitos fazem da Palavra de Deus. Segundo Rahner, um dos critérios para uma boa leitura é que a mesma não seja realizada distante da “guia do Magistério”³⁰.

No discurso introdutório sobre “A interpretação da Bíblia na Igreja”, da Pontifícia Comissão Bíblica, o Papa João Paulo II esclarece que o documento buscou agregar, “com abertura de espírito”, os métodos, as abordagens e leituras usadas na exegese moderna, destacando os avanços e as deficiências existentes, capazes de auxiliar a correta leitura do texto bíblico, a Palavra bíblica ativa, dirigida “universalmente, no tempo e no espaço, a toda humanidade”³¹. É imperativo, afirmou o papa, que a Palavra comunique o sentido autêntico do texto ao destinatário, toda pessoa humana³². O panorama dos métodos exegéticos atuais, inclusive o método histórico-crítico, com suas possibilidades e limites, é comentado por Ratzinger, no prefácio, que destaca que cada época deve procurar compreender os Livros Sagrados, a partir de sua própria realidade e dos métodos científicos disponíveis, das Ciências Bíblicas e Teológicas³³.

As questões de interpretação tornaram-se complexas nos tempos modernos, principalmente em virtude do progresso obtido pelas Ciências Humanas, segundo afirma o documento da Comissão Bíblica. Porém, os avanços obtidos igualmente nos estudos bíblicos, o aumento do interesse pelo livro sagrado, entre os cristãos em geral, permitiu descortinar um novo ciclo: uma postura crítica e atenta às possibilidades abertas pelo novos Métodos e Abordagens para uma melhor exegese na Igreja³⁴.

³⁰ RAHNER, K., *Teologia e Bíblia*, p. 17.

³¹ JOÃO PAULO II, Discurso, p. 21.

³² JOÃO PAULO II, Discurso, p. 5-24.

³³ RATZINGER, J., Prefácio, p. 27-30.

³⁴ PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, *A interpretação da Bíblia na Igreja*, p. 31-36.

A importância das Sagradas Escrituras é um tema que sempre inquietou a humanidade. O texto sagrado exerce, dentro do contexto da evangelização e da promoção social, um papel vital, e cabe ao teólogo propiciar à comunidade, como um serviço de fé e de inteligência, uma interpretação condizente à capacidade de apreensão dessa mesma comunidade, seja ele biblista ou sistemático. Considerando, porém, a multifacetada composição social hodierna, isso tem se tornado cada vez mais um árduo e conflituoso labor. Evidenciar as relações, as tensões e os desafios é uma inglória tarefa. Nesse ambiente agitado, em que a fé cristã e a ciência se encontram e se interagem, a maneira de compreender e interpretar o texto bíblico se coloca como um desafio a ser vencido, passo a passo e com muita cautela e prudência. Contudo, o objetivo primeiro, sem dúvida, é buscar um ponto de equilíbrio que permita o desenvolvimento da fé e da razão, pilares da teologia, desde seus momentos nascedouros.

A necessidade de propor critérios para uma boa exegese, teologia e pastoral, tem como fim precípua descobrir os vários sentidos presentes nos textos bíblicos e torná-los acessíveis a todos, sobretudo aos mais simples e vulneráveis da sociedade. A atitude recente da Igreja diante do crescente conhecimento científico é de respeito à sua autonomia, de encorajamento à pesquisa, embora, “nas ciências aplicadas à vida e à sua transmissão, a situação ainda é conflitiva por causa das interdições da moral católica”³⁵, assegura Luís Correa Lima, que também afirma que “a ciência sempre pode alertar a religião contra erros e superstições, e a religião sempre pode alertar às ciências contra idolatrias e falsos absolutos”³⁶. Evidencia-se a dupla função pertinente à fé e à razão. O homem persegue, com todas as suas forças, o conhecimento da verdade, e o cristianismo, como nos lega a história, favorece o desenvolvimento das ciências.

³⁵ LIMA, L. C., *Bíblia e ciência: interações e conflitos*, p. 417.

³⁶ LIMA, L. C., *Bíblia e ciência: interações e conflitos*, p. 418.

A Comissão Bíblica, no quarto capítulo do documento, reafirma que a Igreja acolhe a Bíblia como Palavra de Deus³⁷. Assim, a atualização e a inculturação da mensagem são conseqüências esperadas. Para evitar irregularidades, o referido documento indica os princípios a serem observados no processo, os métodos e os limites. A atualização deve partir de uma justa interpretação do texto, discernindo hermeneuticamente os pontos essenciais da mensagem dentro dos seus condicionamentos históricos, sem descurar da unidade dinâmica que existe entre os dois testamentos. O dinamismo do conhecimento da Igreja ilumina os problemas atuais e a *Dei Verbum* afirma que o Magistério

não está acima da Palavra de Deus, mas ele a serve, ensinando somente aquilo que foi transmitido; por mandato de Deus, com a assistência do Espírito Santo, ele a escuta com amor, conserva-a santamente e explica-a com fidelidade³⁸.

A convicção de que a Palavra transcende as culturas nas quais ela foi expressa é o fundamento teológico da inculturação apresentado no documento. Para a consecução do processo, é vital que se faça uma tradução dos textos sagrados, que não consiste em simples transcrição do texto original. Essa etapa não garante a eficácia do resultado, porque dependente da interpretação, a quem caberá assegurar a recepção da mensagem em consonância com o sentir, pensar, viver e o exprimir de cada cultura local, mas muito ajuda na transmissão de um texto antigo, de cultura e línguas tão distante e diferentes, para culturas e povos atuais. Com a mútua fecundação, poder-se-á evoluir para a formação de uma cultura cristã, capaz de construir e edificar a casa comum, ao passo que serão abjetadas as soluções falsas: a adaptação superficial, a confusão sincretista, o fundamentalismo, etc.

A Exortação Apostólica pós-Sinodal *Verbum Domini*, ao tratar desse tema, referenda as orientações dos Padres Conciliares e retoma os três critérios da *Dei Verbum* para respeitar a dimensão divina da Bíblia: exegese canônica,

³⁷ PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, *A interpretação da Bíblia na Igreja*, p. 139-158.

³⁸ *Dei Verbum*, n. 10.

respeito à Tradição e a analogia da fé³⁹. Transcreve a advertência de Bento XVI, no Sínodo: “Somente quando se observam os dois níveis metodológicos, histórico-crítico e teológico, é que se pode falar de uma exegese teológica, de uma exegese adequada a este Livro”⁴⁰. Portanto, a correta interpretação do texto sagrado é fundamental, está no bojo do momento teórico do método teológico, quando o conteúdo interno da fé será analisado e sistematizado para que as novas perspectivas de fé sejam desenvolvidas. Para tanto, segundo O’Donnell, “o teólogo deve conhecer a mentalidade do destinatário da Palavra e a situação em que o texto deve ser lido”⁴¹.

A transmissão da Palavra

A interpretação e a mensagem do texto bíblico continuam despertando o interesse e vivas discussões nos mais variados campos. A verdade cristã precisa ser repensada a cada geração para manter a sua força vital, sempre referida à Revelação, para permitir que ela assuma como sua a inexaurível mensagem revelada, mesmo consciente da incapacidade humana de abarcar a sua totalidade⁴². Barth afirma que

toda afirmação teológica é uma expressão inadequada acerca de seu objeto. A real Palavra de Cristo falada a nós não é uma expressão inadequada de seu objeto, apesar de que é claro que toda tentativa de nossa parte, até mesmo a mais elevada e a melhor de reproduzir essa Palavra em pensamento ou em discurso é inadequada⁴³.

Imersos em tempo marcado por profundas transformações, o crente é confrontado por um cenário nem sempre favorável, em que ele necessita expor as razões da sua fé, ao mesmo tempo que vê na Igreja dificuldades em situar-se nesse novo tempo. Segundo o documento sobre “A interpretação da Bíblia na

³⁹ *Verbum Domini*, n. 34: “A Constituição dogmática indica três critérios de base para se respeitar a dimensão divina da Bíblia: 1) interpretar o texto tendo presente a *unidade de toda a Escritura*; isto hoje chama-se exegese canônica; 2) ter presente a *Tradição viva de toda a Igreja*; 3) observar a *analogia da fé*.”

⁴⁰ *Verbum Domini*, n. 34.

⁴¹ O’DONNELL, J., *Introdução à Teologia Dogmática*, p. 75.

⁴² MONDIN, *Os grandes teólogos do século XX*, p. 673-684, ao comentar a estética teológica de Urs von Balthasar.

⁴³ BARTH, K., *Fé em busca de compreensão*, p. 36.

Igreja”, a interpretação tornou-se mais complexa com o progresso das ciências humanas, visto que “ao lado de texto límpidos, ela comporta passagens obscuras”⁴⁴, e desenvolver estes pontos não tão claros torna-se uma missão de todos, onde o esforço dos teólogos bíblicos, evitando interpretações subjetivas, arbitrarias e fundamentalistas⁴⁵, será o combustível vital para a harmonia e recepção do texto no seio eclesial e na edificação da casa comum, segundo os desígnios de Deus.

Inicialmente, conforme indica Clodovis Boff, é preciso distinguir, sem fazer oposição, a noção de Palavra de Deus ou Revelação, do texto que nomeamos Escritura ou Bíblia. Aquela “representa a realidade misteriosa da automanifestação e autocomunicação escatológica de Deus, que se experimenta na fé”⁴⁶. Esta, “é o testemunho categorial ou registro humano e canônico da Palavra”⁴⁷.

Os movimentos de retorno às Fontes Bíblicas e Patrísticas marcaram os anos antecedentes à virada hermenêutica provocada pelo Concílio Vaticano II, “um divisor de águas espirituais”, ou ainda, “o lugar de encontro de todas as diversas correntes teológicas, a ocasião para uma crítica e serena avaliação a propósito delas”⁴⁸. Desde então, temos percorrido um novo caminho na Igreja, assimilando as conquistas das Ciências Humanas, integrando-as no mundo teológico possibilitando que textos de difícil compreensão não tenham uma interpretação malsucedida ou mal-intencionada. O objetivo primordial é compreender e aprofundar o discurso sobre a Palavra de Deus. Este discurso que ficou empobrecido até o renascimento ocorrido após a Primeira Guerra Mundial, quando, no âmbito católico, “à certa altura, acabou por operar num gueto de isolamento, interpretando a Palavra de Deus para poucos adeptos, mas

⁴⁴ PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, *A Interpretação da Bíblia na Igreja*, p. 31.

⁴⁵ *Verbum Domini*, n. 44.

⁴⁶ BOFF, C., *Teoria do Método Teológico*, p. 207.

⁴⁷ BOFF, C., *Teoria do Método Teológico*, p. 207.

⁴⁸ FIORES, S. MEO, S. *Mariologia*, p. 788.

ficando profundamente marginalizada pela cultura moderna”⁴⁹ e, no seio protestante, quando “ousou valer-se dos instrumentos hermenêuticos que lhe eram oferecidos pelo pensamento filosófico moderno”⁵⁰.

Childs queria que, a partir das Sagradas Escrituras, com todas as variantes teológicas de seus autores e livros, realizasse-se o encontro da teologia com o mundo moderno, sendo capaz de “ordenar e criticar a vida concreta da comunidade cristã”⁵¹. Para isso, de forma que se fossem capazes de clarificar os conteúdos e superar possíveis dualismos, é preciso avançar na compreensão da Teologia Bíblica, o vetor encarregado de iluminar e evidenciar, com rigor, a Palavra pregada, do Antigo Testamento e do Novo Testamento, “em unidade teológica, formada a partir de sua união canônica”⁵², na sua autenticidade normativa, pelo conteúdo e pela forma. Com as transformações ocorridas, os teólogos atualmente têm que responder demandas vindas de variados grupos, onde coexistem crentes e não crentes, pessoas que já não compartilham as premissas religiosas que faziam parte de valores das gerações precedentes. Defendem novos valores culturais e, por conseguinte, devem fazer emergir o sentido autêntico da Palavra de Deus, capaz de abrir-se sempre ao diálogo, uma tarefa que se impõe hoje e sempre. É preciso encontrar novos meios, novos métodos e novas expressões para ajustar o diálogo com esse público advindo do fenômeno do secularismo e do ateísmo, como nos disse João Paulo II⁵³. Essa realidade havia sido apontada por Paulo VI, na Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, quando o Pontífice constatou como um grande desafio para a evangelização, a ruptura entre fé e cultura⁵⁴.

⁴⁹ MONDIN, B., *As teologias do nosso tempo*, p. 8.

⁵⁰ MONDIN, B., *As teologias do nosso tempo*, p. 8.

⁵¹ CHILDS, *Teologia Bíblica, Antico e Nuovo Testamento*, p. 38.

⁵² CHILDS, *Teologia Bíblica, Antico e Nuovo Testamento*, p. 71.

⁵³ Discurso de abertura de João Paulo II, na abertura da XIX Assembleia do CELAM, 09.03.1983, em Porto Príncipe, Haiti, disponível no site vatican.va.: “A comemoração de meio milênio de evangelização terá o seu significado pleno se for um renovado compromisso da vossa parte, como Bispos, juntamente com o vosso Presbitério e fiéis, compromisso não de reevangelização, mas de uma evangelização nova. Nova no seu entusiasmo, nos seus métodos e na sua expressão”.

⁵⁴ *Evangelii Nuntiandi*, n. 20.

Entendemos como sentido autêntico aquele capaz de transformar, gerar novas energias, que sejam capazes de modificar o *status quo* e não retendo apenas o aspecto legal e tão judicializante, que infringiu prejuízos na construção do pensamento cristão e na abertura ao diálogo para com todos. A autenticidade está relacionada diretamente ao anúncio do Reino, feito por Jesus, a partir de suas palavras e gestos concretos, especialmente em prol do mais vulneráveis de então.

Dentro desse processo, a comunicação, ato constitutivo do ser humano, torna-se vital. Zilles afirma que “há uma distância grande entre o mundo da Teologia e o mundo da vida real, entre o mundo do clero e o do povo”⁵⁵. Dentro do contexto em que estamos construindo nossa aproximação entre Teólogos Bíblicos e Pastoralistas, é imprescindível pontuarmos essa distância. Zilles diz que o divórcio entre a prática da fé cristã e o progresso da ciência moderna, funda-se exatamente na Teologia presa a seu passado, sendo vital que o teólogo construa “pontes entre passado, presente e futuro”, e traduza, “sem trair, a identidade cristã para o mundo em rápidas e permanentes mudanças, consciente de suas limitações”⁵⁶. Clodovis Boff diz que o estudo da Bíblia deve entrar em um diálogo fecundo com as outras disciplinas teológicas, colocando Cristo como chave-mor de toda interpretação bíblica e que a boa hermenêutica termina na vida concreta⁵⁷.

Portanto, a primeira tarefa daquele que anuncia a Palavra de Deus é fazer-se, ele mesmo, ouvinte da Palavra e acolher a realidade dela, com toda sua força e eficácia transformadora. Como nos recordava o então Cardeal Ratzinger e futuro Papa Bento XVI, toda teologia deve ter assumidamente uma dimensão pastoral, pois “a pregação cristã não é a apresentação de um sistema doutrinal, mas o exercício da realidade cristã cujo ponto de cristalização é a celebração da Eucaristia”⁵⁸.

⁵⁵ ZILLES, U., *Desafios atuais para a Teologia*, p. 20.

⁵⁶ ZILLES, U., *Desafios atuais para a Teologia*, p. 162.

⁵⁷ BOFF, C., *Teoria do Método Teológico*, p. 220-229.

⁵⁸ RATZINGER, J., *Dogma e anúncio*, p. 53.

As traduções bíblicas e o uso pastoral

Diante das várias e diversas traduções dos textos bíblicos, cujos autores requerem para si a primazia da excelência e fidelidade à fonte, faz-se mister questionar se, de fato, os tradutores fizeram ou fazem uso da advertência “gableriana” de reunir as ideias sagradas com prudência e cuidado em todos os sentidos e se atenderam as recomendações do magistério⁵⁹, pois como observa Konings, “uma tradução formal procura manter o mais possível a estrutura do texto original”⁶⁰. Acresça-se ainda a advertência contida no Prólogo do livro do Eclesiástico, que se refere ao texto original em hebraico, contudo é uma preciosa lição para qualquer tradução: “a despeito do esforço de interpretação, parecermos enfraquecer algumas das expressões: é que não tem a mesma força, quando se traduz para outra língua, aquilo que é dito originariamente em hebraico” (vv.19-22).

Aqui identificamos um problema, que não é desconhecido, e acirra o confronto entre os teólogos bíblicos e os pastoralistas. A manutenção da estrutura, do sentido original, acarreta, por vezes, uma tradução nem sempre fácil para a compreensão do texto na língua de chegada. Pelo contrário, às vezes a torna incompreensível e distante da realidade do leitor, difícil ao mundo receptor, principalmente no devocional. Levar em conta a multiplicidade de fatores, tais como a distinção dos períodos, autores, maneiras de falar e religiões, posto que, sabemos, o texto sagrado é resultante não somente da verve de um homem, de uma época determinada ou religião, mas de um somatório, é fundamental para demonstrar, com o uso do método comparativo, proximidades e distanciamentos de opinião entre as ideias sagradas coletadas. Com esse auxílio, surgirá uma Teologia Bíblica capaz de ler o texto bíblico o mais perto possível de como foi produzido e lido em seu contexto fundante,

⁵⁹ Constituição Dogmática *Dei Verbum*, do Concílio Vaticano II; Constituição Dogmática *De fide catholica*, do Concílio Vaticano I; Carta encíclica *Providentissimus Deus*, Leão XIII; Carta encíclica *Divino afflante Spiritu*, Pio XII, Exortação Apostólica pós-sinodal *Verbum Domini*, Bento XVI, dentre outros.

⁶⁰ KONINGS, J., *Tradução e Traduções da Bíblia no Brasil*, p. 215-238.

facilitando o seu uso pastoral. Murad afirma que “o futuro da pastoral e da teologia vai depender de sua capacidade de criar novas formas de interação de informações, de saber, de conhecimentos”⁶¹. Eis o apontamento de uma possível solução.

O uso do texto bíblico como fonte de argumentos, como se as Sagradas Escrituras fossem desprovidas de sua própria mensagem, é a causa mais comum das leituras descontextualizadas e, muitas vezes, fundamentalistas. Poderíamos afirmar que se trata de uma apropriação a fórceps, cuja finalidade é referendar as ideias do teólogo em seu campo de pesquisa. Mas, se, contudo, a força motriz argumentativa estiver no próprio texto usado por uma falha, intencional ou não, da tradução, deveríamos retomar a desobediência à advertência inicial de Gabler ou considerar que há uma intencionalidade na ação?

Não faremos um pré-julgamento apressado. Valemo-nos, mais uma vez, das indicações de Konings. A adequação semântica, aponta ele, é que situará o leitor no contexto da fé vivida e o “lugar hermenêutico” será o do receptor, quando o intérprete for capaz de tornar compreensível a mensagem, evocando a realidade que está por trás dos termos e atualizar a Palavra. Essa possibilidade de atualizar o texto é, sem dúvidas, o que torna a Bíblia um livro contemporâneo. Como não compreender e interpretar bem passagens bíblicas, como as divisões entre fiéis, relatado por Paulo, em 1Cor 1,10-16, se ainda hoje encontramos estruturas e comportamentos maléficos em nosso meio que dividem, que se assemelham ao comportamento da comunidade de Corinto?

O Papa Bento XVI afirmou que a exigência de cientismo não é sacrificada quando a teologia “se coloca em religiosa escuta da Palavra de Deus, viva pela vida da Igreja e fortalecida pelo seu Magistério”⁶². Dessa forma, concluía que a autoridade científica não é diminuída pela espiritualidade, ao

⁶¹ MURAD, A., *Introdução à Teologia*, p.31.

⁶² Mensagem do Papa Bento XVI aos participantes do Congresso Internacional no centenário do nascimento do teólogo Hans Urs Von Balthasar. Roma, 05.10.2005 hf_ben-xvi_mes_20051006_von-balthasar

contrário, chega-se a uma interpretação coerente quando é associada ao estudo teológico, pois imprime-lhe o método correto.

O Papa Francisco, por sua vez, tem insistido, desde a *Evangelii Gaudium*⁶³, que não é uma tarefa simples o desafio da evangelização nos dias atuais, como também outrora não o foi. Contudo, vivemos em uma época diferente, com uma lógica própria em que a transmissão do conhecimento exige um esforço de todos, pois a Igreja não pode e não deve excluir ninguém. Todos têm o direito de receber o Evangelho, e o anúncio deve ser feito com alegria indescritível, sendo capaz de dialogar e envolver a todos, harmonizando os conteúdos da fé cristã com a práxis diária. A pluralidade de situações pastorais, o indiferentismo, o relativismo, a cultura do descartável são temas recorrentes em seus discursos. O Papa Francisco tem reafirmado, ainda, que a Igreja não pode temer a liberdade incontável da Palavra. Pensar a relação entre fé, a vida da Igreja e as transformações que estão ocorrendo é o novo desafio proposto, transmitindo a fé e ajudando o homem do nosso tempo a acolher e a fazer do Evangelho a sua regra de vida.

Aspecto bíblico-teológico versus aspectos pastorais: tensões e desafios

Considerando principalmente a aquisição, nos últimos anos, de uma cosmovisão e o desenvolvimento de uma compreensão do ser humano, que se vê inserido nesse contexto marcado pela transposição da visão intrinsecamente religiosa do período medieval para a do cientificismo moderno, percebe-se que houve novas angulações do pensamento humano, acréscimos de valores e questionamentos. Essa rotação interfere nas produções teológicas e nas variantes pastorais. Exige-se uma comunicação e uma linguagem válida para todas as culturas, sintetizadas na célebre frase, já mencionada, de João Paulo

⁶³ FRANCISCO, Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*.

II⁶⁴, na América, quando expressou que havia a exigência de novos métodos, critérios e de um novo ardor para uma nova evangelização.

Em maio de 2013, a tensão entre a Exegese, Teologia e Pastoral foi tema do IV Simpósio de Teologia da PUC-Rio⁶⁵. Oportunidade em que foi posto em pauta o valor de uma boa e correta interpretação das Sagradas Escrituras, a relação entre a área exegetico-bíblica e a pastoral, evidenciando não só as situações conflitivas, mas, sobretudo os desafios rumo à redescoberta do cristianismo da esperança, que busca um novo meio de estar na vida alcançando os areópagos modernos. Vários apontamentos apareceram, como “a colaboração leal de exegetas e teólogos sistemáticos/dogmáticos”⁶⁶ para o desenvolvimento teológico e eclesial. Caminhos outros foram apresentados. A simplicidade pastoral, em que a densidade cristológica vital e fecundante não pode ser relegada, foi proposta como um novo Pentecostes, um derramamento de luz com vistas a uma missionariedade constante e feliz, capaz de contagiar e envolver a todos na missão de ser um só povo de Deus.

A árdua missão dos envolvidos na querela se há ou não contradição entre as Sagradas Escrituras e a Doutrina foi objeto de análise. Em busca do entendimento, uma via conciliatória, indicada, foi verificar o sentido original e a grafia da escritura de um texto e torná-lo acessível e palatável aos leitores contemporâneos, sem ferir a doutrina da Igreja. Citando Schnackenburg, o Rúbio observa que nem sempre foi fácil o diálogo entre a exegese e a reflexão teológica sistemática, mas destaca os avanços alcançados e quão enriquecedor foi esse encontro, com consequente retorno positivo nas atividades pastorais. Sabemos que uma construção intelectual imponente, bem articulada tornar-se-á útil na medida em que propiciar o encontro vivo com o Cristo, “capaz de

⁶⁴ Discurso de abertura de João Paulo II, na abertura da XIX Assembleia do CELAM, 09.03.1983, em Porto Príncipe, Haiti, disponível no site vatican.va.

⁶⁵ Os temas tratados neste Simpósio foram publicados na obra MAZZAROLO, I.; FERNANDES, L. A.; LIMA, M. L. C., *Exegese, Teologia e Pastoral: relações, tensões e desafios*.

⁶⁶ RUBIO, A. G., *Cristologia e Bíblia*, p. 325.

alimentar a reflexão teológica e a fé viva na pessoa de Jesus Cristo⁶⁷, e acrescentar à vida espiritual do leitor uma correta interpretação do texto bíblico, que o impulsione para o serviço pastoral, em contextos sociais variados, onde a Escritura será proclamada, vivida, acolhida ou recusada, questionada, discutida e investigada por simples e intelectuais⁶⁸.

A afirmação de Rúbio, dizendo que “a teologia, em grande parte, ficou prisioneira da repetição das teses dos grandes mestres do passado” e que ela não percebe “a necessidade da abertura crítica e humilde aos novos desafios⁶⁹”, é um grito que pulsa no meio acadêmico-teológico-pastoral. É, ainda, um desafio a ser transporto. O enfrentamento de novos percalços, como a evangelização em tempos de pandemia, em que o meio virtual e midiático atinge os píncaros da glória, impõe serenidade, análise crítica e criatividade como parceiros na busca desse confronto novidadeiro. Como fica a pastoral sem a presença física e sem o acesso sacramental? Como suprir as carências óbvias de um povo que sempre foi conduzido em rédeas curtas, atreladas ao clero, e que se vê, numa fração de tempo, devolvido ao lugar do seu primeiro encontro à experiência de “Igreja doméstica”? Como conformar os aspectos bíblico-teológicos com essa nova pastoral? Desafio angustiante e provocador, mas que precisa de respostas. Receitas prontas não se tem, mas é preciso ir construindo possibilidades e abrindo caminhos.

Valemo-nos de mais uma aguçada observação de Rúbio, antecipando visionariamente a questão, “sem uma hermenêutica adequada é muito fácil confundir os ritos que comunicam com os modos de expressão utilizados como mediação dessa comunicação⁷⁰”. Apropriando-nos dessa reflexão, colocamo-la dentro desse nosso novo escopo. É essencial cuidar do processo comunicativo de forma que ele expresse o perfeito imbricamento entre o rito, a verdade comunicada e o meio utilizado. A centralidade de Cristo é que sustenta o

⁶⁷ RUBIO, A. G, *Cristologia e Bíblia*, p. 296.

⁶⁸ KONNINGS, J., *Tradução e Traduções da Bíblia no Brasil*, p. 215-238.

⁶⁹ RUBIO, A. G, *Cristologia e Bíblia*, p. 299.

⁷⁰ RUBIO, A. G, *Cristologia e Bíblia*, p. 299-300.

trabalho e a Igreja. Conscientes e coerentes com a fé, é preciso abraçar todas as anormalidades e desafios do tempo presente, entendendo-as como uma voz que clama no deserto. Na cruz de Cristo fomos salvos para abraçar a esperança, dando razões dela a todos os que nos pedirem (1Pd 3,15).

O Emanuel, Deus conosco, interpela-nos no caminhar e na história. O Papa Francisco tem ressaltado, em variadas oportunidades, que o nosso Deus está sempre de permeio, não à distância, torcendo ou esperando que sejamos atropelados pela vida, mas totalmente conosco e entre nós. O nosso Deus se faz presente, auxilia e sopra esperança. A exortação evangélica que nos questiona de que adianta a um homem ganhar o mundo inteiro se se perde e se destrói a si mesmo (Lc 9, 25) é latente neste momento em que se faz necessário envolver-nos na construção de uma pastoral solidária e fraterna, afinal somos *Tutti Fratelli*⁷¹. O confrontar-nos com o espelho da verdade é uma exigência diária e vital se quisermos reorganizar as relações e adotar um novo passo.

No IV Simpósio de Teologia da PUC-Rio, França Miranda acentuou que “a salvação do ser humano vem a ser o próprio Deus”⁷². Essa compreensão soteriológica é uma conquista, pois ela conecta a salvação às situações existenciais concretas e exalta o agir de Deus que precede a resposta do ser humano e possibilita a resposta. “O trabalho pastoral não tem futuro, nem alcança mudanças significativas se não estiver fundamentado numa forte e sólida espiritualidade nutrida do Evangelho”⁷³. Assim, a conexão entre as disciplinas teológicas mostra-se como um passo fundamental da mesma forma que a compreensão e a recíproca ajuda entre exegetas, biblistas e pastoralistas apresentam-se como o caminhar teológico necessário.

Os princípios mínimos, ou seja, as bases do edifício intelectual para reger uma pastoral, de forma coerente com o Evangelho e a caminhada da Igreja, exigem que as pessoas sejam valorizadas, que o desperdício deve ser evitado,

⁷¹ FRANCISCO, *Carta Encíclica Fratelli Tutti. Sobre a fraternidade e a amizade social*, 2020.

⁷² MIRANDA, F. M., *Sagrada Escritura e Soteriologia*, p. 327.

⁷³ MERLOS, F. In: Apresentação, FUENTES, S., *Espiritualidade Pastoral*, p. 9.

que haja opção pelos pobres, e mais fragilizados, que se promova a justiça do Reino de Deus. Deve-se cuidar em adequar e tornar eficaz em nossa realidade o planejamento pastoral, saindo da inércia entorpecedora em direção ao futuro desejado: a Igreja missionária e “em saída” que o Papa Francisco propõe (EG 24). Faz-se necessário que o trabalho pastoral não perca de vista as contribuições alcançadas por exegetas e biblistas. Destes, espera-se que valorizem o trabalho daqueles, pois não basta apenas crer retamente, é preciso agir corretamente e buscar o sonho possível e desejado: a vida em abundância, como nos indica o Cristo: “Eu vim para que todos tenham a vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10).

Considerações finais

A Teologia Bíblica se alicerça no conhecimento da língua, da cultura, da literatura e de outras ciências linguísticas e sociais como a semiótica, a arqueologia, a história e sociologia, para dialogar com o mundo moderno e abrir-se às linhas dos novos pensares, livrando-se de abordagens fundamentalistas e posicionando-se ante a requerida interdisciplinaridade acadêmica. Ao interagir com o mundo do autor e com o ambiente do leitor é que o texto influirá no mundo, possibilitando que o leitor altere e modifique a sua existência a partir dos dados colhidos em sua leitura.

O caminho percorrido, do desenvolvimento histórico-metodológico em vistas de se alcançar um *sensus plenius scripturae* (“o sentido pleno da escritura”), que a Teologia Bíblica adquiriu a partir da visão unitária, crítica e progressiva da revelação da história bíblica⁷⁴ – a grande dimensão do *corpus biblicus* –, é fundamental para que possamos entender e valorar a sua importância e a sua razão de existir, à luz da fé de cada um de nós e à luz da fé eclesial. Dessa forma, então, podemos aproximar as visões de biblistas e pastoralistas, de forma a propiciar um caminhar juntos. Como nos ensina Walter Kasper, “uma

⁷⁴ Para uma melhor compreensão sugerimos a leitura das obras CHILDS, B. S., Teologia Bíblica, Antico e Nuovo Testamento; KRAUS, H. J., La Teologia Bíblica, Storia e Problematica.

renovação espiritual se nutre das fontes, de uma sólida reflexão teológica e de uma mentalidade eclesial”⁷⁵.

Os elementos para a proposição de uma renovada reflexão bíblica, sensível às características do seu tempo, impõe aos teólogos bíblicos e aos pastoralistas um retorno às orientações dimanadas do Concílio Vaticano II e a tomada de atitude propositiva frente às necessidades da Igreja. É imperioso, porém, que não nos esqueçamos que “o que dá a experiência da fé à razão da fé é o ‘frêmito da vida’. Só um teólogo que é capaz de se banhar na experiência do Espírito vivificador e que saia daí gotejando poderá produzir uma teologia viva e vivificadora”⁷⁶.

Mais ainda, como nos indica o Papa Francisco, se ele é capaz de colocar-se na dinâmica da lei de São Vicente de Lérins, Bispo de Lérins, na França, do séc. V: “O bom teólogo e filósofo mantém um pensamento aberto, ou seja, incompleto, sempre aberto ao *maius* de Deus e da verdade, sempre em fase de desenvolvimento, segundo a lei que São Vicente de Lérins descreve do seguinte modo: ‘*Annis consolidetur, dilatetur tempore, sublimetur aetate* / consolidada ao longo dos anos, dilatada no tempo, amadurecida com a idade’ (*Commonitorium primum*, 23: Patrologia Latina, 50, p. 668)”⁷⁷.

Referências bibliográficas

- BARTH, K., *Fé em busca de compreensão*. São Paulo: Fonte, 2012.
- BENTO XV, Encíclica *Spiritus Paraclitus*, 15.09.1920. Acesso em 01.11.2020. Disponível em <www.vatican.va> hf_ben-xv_enc_15091920_spiritus-paraclitus.pdf
- BENTO XVI, Exortação Apostólica pós-sinodal *Verbum Domini*. São Paulo: Paulinas, 2011.
- BENTO XVI, *Os Padres da Igreja*. São Paulo: Pensamento, 2010.
- BOFF, C., *Teoria do Método Teológico*. Petrópolis: Vozes, 2012.
- BRIGHENTI, A., *A pastoral dá o que pensar: a inteligência da prática transformadora da fé*. São Paulo: Paulinas; Valência: Siquém, 2006.

⁷⁵ KASPER, W., *A Igreja católica*, p. 413.

⁷⁶ BOFF, C., *Teoria do Método Teológico*, p. 152.

⁷⁷ Proêmio da *Veritatis Gaudium*, n. 3.

- BULTMANN, R., *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Teológica, 2004.
- CANALS, J., A oração na Bíblia. In: BOROBIO, D., *A celebração na Igreja III*, ritmos e tempos da celebração. São Paulo: Loyola, 2000, p. 268-269.
- CHILDS, B. S., *Teologia Bíblica, Antico e Nuovo Testamento*. Casale Monferrato: Pieme, 1998.
- EICHRODT, W., *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2005.
- FRANCISCO, Carta Encíclica *Fratelli Tutti*. Acesso em 01.11.2020. Disponível em:
http://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html
- FIORES, S.; MEO, S., *Dicionário de Mariologia*. São Paulo: Paulus, 1995.
- FRANCISCO, Constituição Apostólica *Veritatis Gaudium*. São Paulo: Paulinas, 2018.
- FRANCISCO, Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulinas, 2013.
- FUENTES, S. V., *Espiritualidade Pastoral*. São Paulo: Paulinas, 2008.
- GABLER, J. P., Distinction between Biblical and Dogmatic Theology: Translation, Commentary, and Discussion of His Originality (*Oratio de iusto discrimine Theologiae biblicae et dogmaticae, regundisque recte utriusque finibus*), *Scottish Journal of Theology* 33, 1980, p. 133-144.
- GONZAGA, W., A Sagrada Escritura, a Alma da Sagrada Teologia. In: MAZZAROLO, I.; FERNANDES, L. A.; LIMA, M. L. C. (Orgs.). *Exegese, Teologia e Pastoral: relações, tensões e desafios*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; Santo André, SP: Academia Cristã, 2015. p. 201-235.
- GONZAGA, W. A Bíblia: Escritura Sagrada para judeus e cristãos. *CREatividade* (Revista da Cultura Religiosa - PUC-Rio), Rio de Janeiro, Ano 2019, n. 2 p. 5-20, ISSN: 2446-5712 – Doi: <https://doi.org/10.17771/PUCRio.CRE.45809>
- GONZAGA, W., Ap 19,1-8: Profetismo na Liturgia, *Atualidade Teológica*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 60, p. 566-585, set./dez. 2018. ISSN 1676-3742. Doi <https://doi.org/10.17771/PUCRio.ATeo.35761>
- GUNNEWEG, A. H. J., *Teologia Bíblica do Antigo Testamento*. São Paulo: Teológica-Loyola, 2008.
- HAAG, H. Teologia Bíblica. In: J. FEINER; M. LOEHRER, *Mysterium Salutis*, Volume 1/2. Petrópolis: Vozes, 1971, p. 198-215.
- JOÃO PAULO II, Discurso. In: PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A interpretação da Bíblia na Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1994. p. 5-24.
- KASPER, W., *A Igreja católica. Essência, realidade, missão*. São Leopoldo:

- KONINGS, J., *Tradução e traduções da bíblia no Brasil*. Perspectiva Teológica, v 35, n. 96, p. 215-238, mai./ago. 2003. Acesso em 10.09.2020, disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/issue/view/103>
- KRAUS, H. J., *La Teologia Biblica, Storia e Problematica*. Brescia: Paideia, 1979.
- KUMMEL, W. G., *Síntese Teológica do Novo Testamento*. São Paulo: Teológica-Paulus, 2003.
- LEÃO XIII, Encíclica *Providentissimus Deus*, de 18.11.1893. Acesso em 01.11.2020. Disponível em: <www.vatican.va> hf_l-xiii_enc_18111893_providentissimus-deus.pdf
- LIMA, L. C., *Bíblia e ciência: interações e conflitos*, In: MAZZAROLO, I.; FERNANDES, L. A.; LIMA, M. L. C. (Orgs.). *Exegese, Teologia e Pastoral: relações, tensões e desafios*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; Santo André, SP: Academia Cristã, 2015. p. 395-418.
- MAZZAROLO, I.; FERNANDES, L.A.; LIMA, M.L.C., *Exegese, Teologia e Pastoral: relações, tensões e desafios*. Santo André: Academia Cristã-EdPuc, 2015.
- MIRANDA, F. M., *Sagrada Escritura e Soteriologia*. In: MAZZAROLO, I.; FERNANDES, L. A.; LIMA, M. L. C. (Orgs.). *Exegese, Teologia e Pastoral: relações, tensões e desafios*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; Santo André, SP: Academia Cristã, 2015. p. 326-343.
- MONDIN, B., *As teologias do nosso tempo*. São Paulo: Paulinas, 1978.
- MONDIN, B., *Os grandes teólogos do século XX*. São Paulo: Teológica, 2003.
- MURAD, A.; LIBANIO, J. B., *Introdução à Teologia: perfil, enfoques, tarefas*. São Paulo: Loyola, 2005.
- O'DONNELL, J., *Introdução à Teologia Dogmática*. São Paulo: Loyola, 1999.
- PANNENBERG, W., *Teologia Sistemática*, 3vs. São Paulo: Academia Cristã-Paulus, 2009.
- PAULO VI. Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*. São Paulo: Paulinas, 2011.
- PIO XII., Encíclica *Divinus Afflante Spiritu*, 30.09.43.
- PIO XII., Encíclica *Divinus Afflante Spiritu*, 30.09.43. Acesso em 01.11.2020. Disponível em: <www.vatican.va> hf_p-xii_enc_30091943_divino-afflante-spiritu
- PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A interpretação da Bíblia na Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1994.
- RAD, G. von, *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: ASTE/TARGUMIN, 2006.
- RAHNER, K., *Teologia e Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 1972.

RATZINGER, J., Prefácio. In: PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A interpretação da Bíblia na Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1994. p. 27-31.

RUBIO, A. G., *Cristologia e Bíblia*. In: MAZZAROLO, I.; FERNANDES, L. A.; LIMA, M. L. C. (Orgs.). *Exegese, Teologia e Pastoral: relações, tensões e desafios*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; Santo André, SP: Academia Cristã, 2015. p. 295-325.

SCHNEIDER, T. (org), *Manual de Dogmática*, 2 vols. Petrópolis: Vozes, 2002.

SZENTMÁRTONI, M., *Introdução à Teologia Pastoral*. São Paulo: Loyola, 1999.

TILLICH, P., *Teologia Sistemática*. São Leopoldo: EST-Sinodal, 2005.

UNISINOS, 2012.

ZILLES, U., *Desafios atuais para a Teologia*. São Paulo: Paulus, 2011.